



DAMAS DE PAUS - BAPHÃO QUEER, SUBJETIVIDADES E IDENTIDADES FLUIDAS.

Deivide Souza¹

Resumo: Este artigo trata de uma experiência singular que se formou dentro da Universidade Federal da Bahia-UFBA com um grupo de seis estudantes de graduação dos Bacharelados Interdisciplinares de Artes e Saúde. O grupo surgiu do incômodo que os estudantes sentiram diante das normas e dos modelos que a sociedade exige e que não contemplam as suas vivências.

O objetivo do artigo foi analisar como os estudos queer reforçaram a performatividade de gênero dos integrantes do grupo, validando os desejos que estavam implícitos nas suas subjetividades, e como esses estudos deram base teórica para legitimar as performances e os discursos do grupo e, assim, diminuir o mal-estar que eles sentiam.

Palavras-chave: Performatividade, subjetividade, homofobia.

Este artigo trata de uma experiência singular que se formou dentro da Universidade Federal da Bahia (UFBA), nos últimos anos, com um grupo de seis estudantes dos Bacharelados Interdisciplinares em Artes e Saúde. O grupo, chamado Baphão Queer, surgiu a partir do incômodo gerado pelas normas e modelos exigidos pela sociedade em relação aos gêneros e às sexualidades das pessoas.

Leonardo Pires² e outros colegas tiveram a idéia de fazer um ensaio fotográfico, sem intenções acadêmicas ou de pesquisa, para que pudessem guardar o material como recordação. Depois disso, Pires entrou no grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS)³ e o ensaio tomou outra dimensão. O grupo percebeu que o trabalho poderia se tornar uma ferramenta no combate

¹ Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, bolsista de iniciação científica do CNPq e pesquisador do grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS). deivideblue@gmail.com

² Coordenador do Grupo Baphão Queer

³ Coordenado pelos professores Leandro Colling e Djalma Thürler

à homofobia, especialmente a voltada para os homossexuais afeminados. Os estudantes perceberam que o ensaio se transformava em maneira de fazer política, que iria impactar nas suas subjetividades e nas das pessoas que o acessam.

O objetivo do artigo é analisar como os estudos queer reforçaram a performatividade de gênero do grupo, validando os desejos que estavam implícitos nas suas subjetividades, e como esses estudos deram base teórica para legitimar a performance e o discurso do grupo diante do público acadêmico científico. Isso fez com que diminuísse o mal-estar que eles sentiam.

Meu corpo carrega meu discurso

Em tempos em que o campo da sexualidade conta com alguns avanços civis, como a união estável para pessoas do mesmo sexo, em maio de 2011, e o casamento civil, em outubro do mesmo ano, vemos que a comunidade LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) no Brasil tornou-se tema de discussões nos lares. Mas, mesmo com toda essa notoriedade e com todas essas letras, existem pessoas que não se enquadram em nenhuma das normas e que, por conta desse não “encaixotamento”, sofrem pressões tanto de heterossexuais quanto dos não-heterossexuais.

Antes de prosseguir, considero necessário pontuar o que vem a ser a palavra queer e, rapidamente, outros conceitos, como heteronormatividade e heterossexualidade compulsória.

Os estudos queer surgiram no fim da década de 80, nos Estados Unidos, advindos da filosofia, dos estudos culturais e do pós-estruturalismo francês, como afirma Miskolci:

Os estudos queer surgiram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação (Miskolci, 1999, p. 152).

Os estudos queer buscam fazer provocações aos discursos que têm como objetivo enquadrar os sujeitos ao binarismo (homem e mulher). Miskolci (2009) assegura que “ainda que haja variações entre os diversos autores, é possível afirmar que o sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e cindido”, o que dá um sentido de mobilidade à identidade. Ao dar outro significado ao insulto (queer), que vinha a ser marica ou viado, por exemplo, valorizou-se o “estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário” (Louro, 2008, p. 38), sentidos que também fazem parte da palavra.

Louro vai um pouco mais longe quando diz que o queer não tem interesse algum em ser aceito dentro das normas estabelecidas, não sente prazer nas estruturas fixas e rígidas, mas que goza do estranho e do abjeto.

Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (Louro, 2008, p.7,8).

Já a heteronormatividade, que consiste em estabelecer a heterossexualidade como sendo a única maneira “normal” e aceitável de se vivenciar a sexualidade, usa como norma o padrão homem e mulher, ou seja, apenas dois sexos e apenas dois gêneros. Segundo Miskolci, a heteronormatividade colabora para “formar a todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade” (MISKOLCI, online).

A heterossexualidade compulsória busca fixar uma linha coerente entre sexo > gênero > desejo > prática sexual, como aponta Miskolci (2010 p. 109), que ditará a normalidade dos sujeitos e que agirá compulsoriamente sobre os sujeitos e punirá os desviantes.

O atual desafio é descobrir quais os efeitos que esse estranhamento realizado pelo Baphão Queer causou nesses “diferentes” e qual o sentimento que eles têm ao fazer com que as pessoas passem a olhá-los de maneira mais acolhedora, mesmo que tenha sido necessário usar de uma forma mais incisiva antes. “Os corpos, na verdade, carregam discurso como parte de seu próprio sangue” (BUTLER em entrevista a PRINS e MEIJER, 2002, p 163, citado em LOURO, 2008, p.80). É isso que os integrantes do Baphão Queer fazem e levam no corpo, nos gestuais, nas indumentárias e nas vozes. Levam as marcas que os fizeram sofrer e juntam todas essas marcas que, segundo LOURO (2008), “regulavam a sua sanidade” e os maltrataram durante muito tempo. Os integrantes do grupo jogam “cara” da sociedade quais são as normas que nos regulam e fazem isso de maneira organizada, política, e por que não acadêmica?

O principal esforço desta pesquisa foi buscar, no discurso do grupo, o diálogo com o princípio do cuidado de si de Foucault (1985) para que houvesse a problematização como a relação consigo mesmo permite o gozo de si, e o que permite esse gozo, se eles o alcançaram e, mais importante, quais foram os efeitos desse gozo nas subjetividades das pessoas do grupo. Parafraçando Foucault, como se constituiu essa “prática social”.

O preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver, desenvolveu-se em procedimentos, em práticas, e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas, ele constituiu assim uma prática social (FOUCAULT, 1985, p.50).

Dentre todas essas práticas sociais que são construídas a partir da performance do grupo, percebe-se o quanto é ínfima a barreira entre o científico versus o político. Bento (2011) deixa esta questão mais do que clara: “a ciência só ganha inteligibilidade mediante a política”. E é justamente isto que o Baphão parece desenvolver com os seus ensaios fotográficos, quebrando as regras, desatando os laços, bagunçando, brincando com os gêneros, uma brincadeira que se tornou política, e, como diz Bento. “uma brincadeira perigosa”.

Nesta pesquisa, de cunho qualitativo, utilizam-se duas técnicas metodológicas. Uma delas é a observação participante, que consiste na vivência dos pesquisadores no ambiente pesquisado, que inclui ouvir, ver, bem como fazer interferências quando necessário. “É preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, assim como que perguntas fazer na hora certa” (VALADARES, 2007, p.153). Segundo Valadares, a observação participante necessita de uma ligação entre pesquisador e pesquisado na qual se faz necessária uma negociação para se alcançar os resultados esperados, muito embora o pesquisador não saiba das relações de poder que são executadas no ambiente a ser pesquisado. A outra metodologia foi a entrevista com um dos participantes (Leonardo), com o auxílio de um questionário previamente elaborado para nortear as conversas. Além disso, para contextualizar a nossa análise, foi feito um relato do que consiste o Baphão Queer e de como se dá a performatividade de gênero nas fotografias desse ensaio.

O intuito foi de tentar achar respostas para tais perguntas: Como essa experiência contribui para colocar em xeque os padrões que a sociedade nos impõe? Quando perceberam esse mal-estar? Quando o Baphão reconheceu que tinha uma estratégia política? E como isso impactou em seus sentimentos? O mal-estar diminuiu? E isso os tornou mais felizes?

“Eu vejo o Baphão como uma postura realmente política”

Fazendo uso de autores pós-estruturalistas, a fim de realizar uma análise que contemple a pluralidade e que dialogue com a performatividade de gênero mais diversa e compreendendo a subjetividade que está impregnada no discurso do entrevistado, procuramos fugir de um determinismo que busca patologizar as identidades que se afastam da hegemônica, como descreve Louro: “Assumir que há pluralidade de representações e de discurso, não significa, no entanto, que as diferenças tenham desaparecido ou que elas tenham sido niveladas” (LOURO, 2010, p. 145).

Pensar na pluralidade das identidades que pairam neste grupo, basta observar o entrevistado Leonardo. Ao comparecer à entrevista, usava uma vestimenta hegemonicamente destinada ao vestuário masculino, mas durante todo o tempo se retratou como sendo do gênero feminino. Esta atitude faz com que eu me lembre de Bauman (1995), que mostra o quão desconfortável é estar preso a identificações, ainda mais num contexto pós-moderno ou “líquido

- moderna”, “estar fixo – ser identificado de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto”. O Baphão Queer mostra na prática os pensamentos do Bauman, por que a fluidez de suas identidades libera as possibilidades para que cada sujeito possa “capturá-las em pleno vôo” (Bauman, 1995), usando as táticas que lhes convém.

Leonardo sente muito prazer ao lembrar que um dos grandes fatores para essa mudança na subjetividade do grupo foi o contato que ele teve com os estudos queer, por intermédio da sua entrada no CUS, o que possibilitou que ele pudesse se ver com outros olhos:

Isso não existia antes de eu entrar no CUS e não existia também nos meninos... até então a gente tinha uma visão muito heteronormativa da vida e de como a gente deveria se comportar. Quando eu entrei no CUS e tive acesso à teoria queer foi que eu percebi que poderia ser uma bicha bem truncativa e ser feliz e colher os frutos que esse tipo de comportamento poderia me causar.. (Leonardo em entrevista 2011).

Leonardo, quando teve algo que validou o seu comportamento e percebeu que eles poderiam ser felizes independentes de suas performances, nos faz lembrar o conceito de individualidade que Foucault avalia no cuidado de si. Este processo permitiu que eles construíssem um processo de singularização das suas subjetividades, algo defendido por Foucault em suas reflexões sobre o cuidado de si (FOUCAULT, 1985).

Agir contrário às normas e ter um respaldo da academia fez que com que Leonardo pudesse não só validar a sua subjetividade e a do grupo, mas que outras pessoas que também têm uma performatividade tida com desviante pudessem passar a respeitar essas novas maneiras de viver:

Hoje eu percebo que muita gente pensa que eu posso ser viado, mas tenho que ser durinho, não pode dar na pinta. Mas quando a gente mostra o projeto, as pessoas nunca falam que concordam com o que a gente fala, mas que acham que devemos continuar agindo segundo as normas. Isso porque a gente explica direitinho. Por que as pessoas hoje têm esse tipo de pensamento? Por que o homossexual feminino é diminuído e contesta a hierarquia do masculino e do feminino (Leonardo em entrevista 2011).

Leonardo, em suas apresentações, fala como as normas foram estabelecidas culturalmente. Ele acredita que os homossexuais femininos sofrem mais discriminação, mas que a sua luta é mostrar que todos têm “múltiplas identidades sociais”, concordando com a fala de Louro (2007) quando ela pensa que todos têm uma identidade transitória, instável, histórica e plural. “Eu vejo o Baphão como uma postura realmente política e de produção de conhecimento. Esse é o grande diferencial do Baphão” conclui Leonardo.

Essa fala de Leonardo mostra a quebra da barreira existente entre militância e fazer ciência. Bento (2010) encara essa barreira como se fosse mais uma forma de pensar através do binarismo, que ela tenta desconstruir lembrando que a produção científica vem acompanhada do engajamento político.

Uma coisa que chama bastante atenção na entrevista com Leonardo foi o conforto e a segurança que ele sente dentro da universidade:

“Como até hoje a gente só foi a ambientes acadêmicos, as referências bibliográficas, as teorias, pesam muito. A gente nunca teve a experiência de ir a um lugar que não fosse à academia e aqui dentro eu me sinto seguríssima” (Leonardo em entrevista 2011).

O que a experiência de Leonardo junto ao grupo tem a nos ensinar? Como essa experiência pode ajudar a repensar a felicidade e como a academia pôde ajudar, até certo ponto, e validar a sua subjetividade? Alguns dos aspectos que inferi a partir dessa pesquisa inicial, foram:

- Parece que o fato de estar vinculado a um grupo de pesquisa que discute e apóia novas possibilidades de vivências contribuiu para que o entrevistado possa se sentir seguro e até orgulhoso de si;

- O contato com os estudos queer só ajudou a acabar com o mal-estar que ele sentia por conta da falta de visibilidade e das recriminações. Isso deu lugar a uma postura mais firme e politizada;

- O grupo evidencia que temos identidades transitórias e que isso não configura um problema;

- Que a busca pelo conhecimento científico não deixa de ser uma ação política, que pode ajudar na construção de formas de respeito às diferenças. Ou seja, a ciência também é política;

- Que a comunidade acadêmica abraçou até certo ponto a idéia do grupo, mas parece que eles ainda sentem medo de sair dos muros da universidade por não saberem o que de fato os espera em um ambiente diferente.

- Subjetivamente, ele parece acreditar numa certa tolerância fora da academia.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BENTO, Berenice, Política da diferença: feminismos e transexualidades. In COLLING, Leandro (Org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil?*, 1ª edição, Salvador, EdUFBA, 2011, p 82-87.

FOUCAULT, Michel. A cultura de si. In: *História da sexualidade – o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 43 a 74.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho, Ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. 1ª edição, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008.

_____. Sexualidades minoritárias e educação: novas políticas? In: POCAHY, Fernando (org.). *Políticas de enfrentamento ao heterossexismo*. 1ª ed. Porto Alegre: Nuances, 2010, p. 143 a 150.

_____. *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade*. 2ª edição, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2007.

RICHARD, Miskolci. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182

_____. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização. Disponível em http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf. Acesso em 20 de Novembro de 2011.

_____. A sexualidade no espaço escolar. In: _____(org). *Marcas da diferença no ensino escolar*. São Carlos: EDUFScar, 2010, p. 79 -111.

VALLADARES, Lícia. Os dez mandamentos da observação participante. IN: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2007, vol.22, n.63, p. 153-155.